

ENTREVISTA Empresário do grupo Votorantim diz que pela primeira vez vê "bom senso" na condução do setor elétrico brasileiro

Ermírio aprova fim de 'palpiteiros elétricos'

GUILHERME BARROS
 EDITOR DO PAINEL S.A.

O empresário Antônio Ermírio de Moraes, 73, do grupo Votorantim, gostou do plano de reestruturação do setor elétrico anunciado na quarta-feira passada pelo governo. Ele participou da reunião da Câmara de Gestão da Crise de Energia, em Brasília, ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso, de ministros e de outros empresários.

O que o deixa mais animado é o fato de o plano incentivar a utilização do potencial hídrico do Brasil. Também considera positivo o fim do MAE (Mercado Atacadista de Energia). "O MAE não deu certo. Nele havia alguns espertalhões querendo ganhar dinheiro com a venda de energia."

Nesta entrevista concedida à Folha, o empresário diz que o Brasil tem tudo para dar certo. "O pessimismo no Brasil só existe por parte de gente incompetente." E conclui com uma estocada na Argentina: "Veja o que aconteceu com os argentinos. Sempre se acharam um país de primeira classe e consideravam o Brasil um país de terceira classe. Sentaram em cima da riqueza e, quando acordaram, estavam pobres."

Folha - O que o sr. achou do novo plano do governo para a energia?

Antônio Ermírio de Moraes - A verdade é a seguinte: agora tem gente séria estudando isso. No passado, a coisa estava muito desorganizada. Hoje tem gente organizada que quer resolver o problema. Desta vez me parece que não vem nada abrupto. Qualquer resolução, daqui para a frente, será muito bem pensada. Sob esse aspecto, me sinto bastante confortável. Acho que foi a primeira vez em que escutei tanta gente dizer coisas de bom senso. Antes, cada um dava um palpite. Hoje, as pessoas estão mostrando que são responsáveis. Não adiantaria nada, por exemplo, suspender o racionamento agora para depois voltar com ele em agosto. Se voltasse o racionamento, politicamente seria muito ruim. Poderia provocar terremoto eleitoral. Por isso, o governo precisa ter muita cautela, precisa ser bem mineiro.

Folha - O sr. mudou de opinião?

Antônio Ermírio - Agora acho que as soluções estão caminhando na direção certa. Senti muita firmeza por parte do Pedro Parente [coordenador do "ministério do apagão"]. Ele já conhece bem o problema e demonstra ser senhor da situação. Isso é muito importante. Ele e o Mário Santos [presidente do Operador Nacional do Sistema Elétrico] formam um time de gente muito responsável. Eu não gosto de citar nomes, mas esses dois estão fazendo um trabalho muito bom.

Folha - Mas há críticas ao plano?

Antônio Ermírio - Acho que vai dar certo. Tem gente se pronunciando contra, mas sempre tem aquele que é do contra. O que nós temos de fazer agora no Brasil é criar menos empecilhos para o

desenvolvimento hídrico, e isso está no plano. Nós não temos carvão, somos também um país pobre em gás. O nosso carvão é de péssima qualidade. Nós até fazemos um grande serviço deixando o carvão dentro da terra. Só nos resta mesmo o nosso potencial hídrico, e não podemos criar objeções a esse potencial, pondo dificuldades umas atrás das outras. Não há energia mais limpa do que a energia hídrica.

Você pode usar a energia hídrica para três propósitos: primeiro, para geração de energia. Segundo, para irrigação, irrigação moderna, diga-se de passagem. O Brasil irriga apenas 6% da área agrícola, enquanto o mundo irriga 36%. E, em terceiro lugar, para a piscicultura. Com uma piscicultura bem organizada, o Brasil vai produzir peixe para todos os lados. Vai sobrar peixe no Brasil. O mundo hoje está partindo para isso.

Os peixes do mar não passam de 90 milhões de toneladas por ano. Se a China, sozinha, comesse a mesma quantidade que comem os japoneses, cerca de 80 quilos per capita por ano, o chinês comeria 96 milhões de toneladas. Só a China acabaria com os peixes do mar. A China partiu para a piscicultura. O país já produz mais de 20 milhões de toneladas em fazendas de peixes. É um peixe sem colesterol, uma alimentação sensacional.

O Brasil pode seguir esse exemplo. O Brasil teria eletricidade, irrigação e alimentaria o povo de maneira sadia. O Brasil tem 10% do potencial hídrico do mundo. Vamos jogar isso fora? Se fizermos isso, o Primeiro Mundo vai se deliciar. Se o Brasil não puder crescer mais, você não acha que a Europa e os Estados Unidos não iriam bater palmas? É preciso ficar atento.

Folha - Como assim?

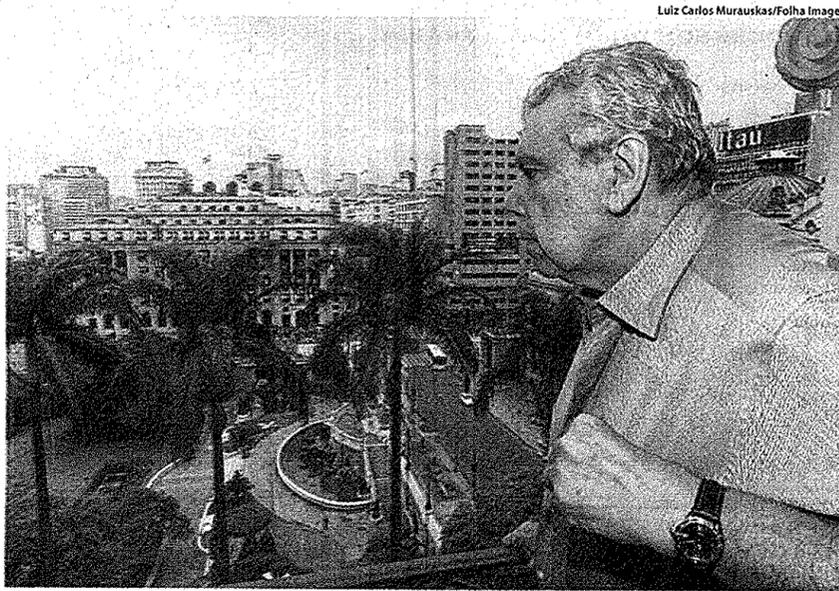
Antônio Ermírio - Há muitas ONGs [organizações não-governamentais] que são excelentes, mas existem outras só vêm aqui para atrapalhar, só para criar problemas.

Folha - O sr. está se referindo às ONGs que impedem as construções de hidrelétricas por causa do meio ambiente?

Antônio Ermírio - A energia hídrica é uma energia limpa, mais limpa, impossível. Eu falei isso na reunião de Brasília. O mundo joga 6,3 bilhões de toneladas de poluentes derivados de combustíveis fósseis no ar. Desses 6,3 bilhões, o petróleo responde por 41%, o carvão por 36% e o gás por 21%. Nós não temos nada disso. Como é que a Europa, os Estados Unidos e a China vão desenvolver seu potencial energético? Só na base do combustível fóssil. A China, por exemplo, tem problemas muito sérios de água. O Brasil tem uma chance enorme de ser um celeiro para o mundo inteiro exportando água industrializada. Digo isso há pelo menos uns três anos.

Folha - E por que esse plano incentiva isso?

Antônio Ermírio - O plano pode liberar a expansão do setor hídrico. Nós temos muitas usinas hi-



O empresário Antônio Ermírio de Moraes observa o centro de São Paulo da janela de seu escritório

AS MUDANÇAS NO SETOR ELÉTRICO

	Como seria	Como será
Medidas de adoção imediata	As empresas privadas competiriam entre si na geração de energia. O preço iria variar de acordo com a fonte de energia (hidrelétrica, termelétrica, alternativa)	A geração contínua estatal e o governo definiu que o nível dos reservatórios das hidrelétricas será parte integrante da formação do preço. Quanto menor o nível dos reservatórios, maior o preço
Liberação de contratos	Contratos antigos entre geradoras e distribuidoras seriam renovados a partir de 2003, com preços maiores para a energia	Para as geradoras estatais isso não acontecerá dessa forma, para evitar aumento de preços. Ao mesmo tempo, deverá haver leilões da "energia velha" (vinda das geradoras estatais, mais barata) em todo o sistema
Universalização da energia	Consumidores novos pagariam parte do custo do acesso à rede de distribuição	Distribuidoras arcam com os custos das novas ligações. É possível que elas possam repassar esse custo para a tarifa
MAE	Mercado auto-regulamentado, onde geradores negociariam compras de energia extra que existisse no sistema, como em uma Bolsa de Valores	Não haverá mais o MAE. Esse mercado será substituído pelo Mercado Brasileiro de Energia, semelhante ao MAE, mas controlado pela Aneel, e não pelos agentes de mercado
Mercado cativo	85% dos consumidores de uma geradora tinham que ser cativos. Ou seja, ela só podia comercializar livremente 15% de sua energia	Exigência de contrato para 95% do mercado de uma geradora

Outras medidas

- Governo criará um "seguro" antiapagão, com geradoras de energia elétrica à disposição para casos de emergência. Medida deve impactar tarifa
- Subsídio ao transporte de gás no gasoduto Brasil-Bolívia, para baratear o custo da energia das usinas termelétricas
- Tornar livres todos os consumidores acima de um determinado nível de tensão ou consumo, para que eles possam escolher sua fonte de energia e aumentar a competição
- Revisão das energias asseguradas nos contratos. Há suspeita de que contratos de fornecimento estivessem sendo feitos com capacidade maior do que a das usinas fornecedoras

drelétricas a construir. O que temos de fazer é pedir ao pessoal dessas ONGs que tenha juízo. Se elas vierem ajudar, tudo bem. Mas, se vierem atrapalhar, o melhor é que fiquem nas terras delas.

Folha - O sr. pode citar algumas dessas ONGs?

Antônio Ermírio - Não quero citar nomes, mas... Só para dar um exemplo, eu tenho uma usina na região do Vale do Ribeira, a zona mais pobre de São Paulo. Me disseram em Brasília que o Vale do Ribeira é uma área mais pobre do que qualquer parte do Nordeste. É um atraso para São Paulo. Pois

bem. Eu tenho uma usina que há 12 anos está parada. E ela não precisa de dinheiro do governo. Mais da metade da usina foi construída com recursos próprios.

O Brasil precisava de um plano para desenvolver o setor hídrico. Essa é nossa prioridade. Nós temos de vencer as barreiras que estão se opondo a isso. Hoje, o Brasil só aproveita 27% do seu potencial hídrico. O resto é água jogada fora. Não podemos deixar meia dúzia de gringos mal-intencionados virem para cá. Eu não tenho nada contra o capital estrangeiro não, mas nós precisamos criar

nossas defesas.

Folha - E o que o sr. achou do fim do MAE?

Antônio Ermírio - O MAE não funcionou. No MAE havia uns espertalhões que queriam vender sua cota de energia para ganhar dinheiro. Eles achavam que era muito mais interessante vender energia do que produzir energia. Espero que a criação desse novo órgão que substitui o MAE, o Mercado Brasileiro de Energia, funcione. O MAE não deu certo.

Folha - O sr. não está muito otimista?

Antônio Ermírio - No Brasil, não

FRASES

O Brasil tem 10% do potencial hídrico do mundo. Vamos jogar isso fora?

O nosso carvão é de péssima qualidade. Nós até fazemos um grande serviço deixando o carvão dentro da terra

Há muitas ONGs [organizações não-governamentais] que são excelentes, mas existem outras só vêm aqui para atrapalhar, só para criar problemas

Com uma piscicultura bem organizada, o Brasil vai produzir peixe para todos os lados. Vai sobrar peixe no Brasil. O mundo hoje está partindo para isso

O Brasil tem tudo para dar certo. Veja o que aconteceu com os argentinos, que sempre foram muito arrogantes, e vieram aqui de joelhos pedir medicamentos. Isso é sensacional. Os argentinos se ajoelhando para o Brasil por estarem precisando de remédios

ANTÔNIO ERMÍRIO DE MORAES
 empresário

cabe o pessimismo. O pessimismo no Brasil só existe por parte de gente incompetente. O Brasil tem tudo para dar certo. Veja o que aconteceu com os argentinos, que sempre foram muito arrogantes e vieram aqui de joelhos pedir medicamentos. Isso é sensacional. Os argentinos se ajoelhando para o Brasil por estarem precisando de remédios. Os argentinos sempre se acharam um país de primeira classe e consideravam o Brasil um país de terceira classe. Sentaram em cima da riqueza e, quando acordaram, estavam pobres.